

FICÇÃO

# O Dito

ELE SEMPRE ERA CHAMADO QUANDO O PAÍS ESTAVA EM PERIGO. MAS ELIMINAR OS LÍDERES DO PCC SERIA APENAS O INÍCIO DA OPERAÇÃO

POR ROBINSON DOS SANTOS ILUSTRAÇÃO BENÍCIO

O velho esticou o braço rapidamente. Velocidade demais para um homem de sua idade. A agulha penetrou levemente no pescoço do outro homem, que mal acabara de ver o velho pelo canto do olho. Apenas pelo canto do olho... E então aconteceu. Em questão de segundos o veneno penetrou em sua corrente sanguínea e o homem estava morto. Veneno raríssimo, extraído da epiderme de um pequenino anuro encontrado apenas na selva amazônica. Fora muito difícil de achar, há anos, quando estivera a trabalho no Araguaia. Não apenas na região. Especificamente "no Araguaia".





A prostituta eslava pareceu assustada com o que não devia ter visto. Em princípio, quando havia negociado com o velhinho, demonstrara total descaso com o que pudesse acontecer a seu cliente. A velocidade da morte, no entanto, causara-lhe um desconfortável estado de pânico.

O doutor não gostou disso.

No entanto, diferente da prostituta, o doutor não deixava transparecer o que estava sentindo ou pensando. Fora treinado para isso. E o que pensou no momento seguinte é que não poderia mais confiar na possibilidade de que aquela mulher pudesse realmente esquecer o que testemunhara ali.

Enfiou a mão no bolso e puxou um maço de notas enroladas com um elástico. Não deu um passo em direção à mulher. Acenou com a mão para que ela se aproximasse. O maço de notas, dólares, pareceu avivar um pouco mais o espírito da cortês, que sorriu decidida a guardar o dinheiro na bolsa.

Por isso o velho molhara a agulha com mais veneno que o habitual.

A moça, assim como o venezuelano gordo, morreu muito rápido. Bastou um arranhão. Durante os seis minutos seguintes, o doutor eliminou vestígios de sua presença e desceu até o lobby do hotel, sumindo entre os torcedores de diversas seleções da Copa do Mundo. Não poderia haver melhor disfarce.



Menos de um mês antes, o doutor estava longe de Berlim. Esperara pouco mais de cinco minutos além do horário combinado e o carro de luxo parou ao seu lado, escoltado por quatro SUV Mitsubishi. Todos os carros eram blindados, presumiu, olhando os homens armados descendo para o asfalto. Sentiu adrenalina gotejando em suas veias. Era sua amígdala cerebral tomando conta da situação, esquecendo que já fazia

muito tempo e que ninguém mais parecia preocupado em encontrar mais nenhum deles, os doutores. "Não", reconfortou-se: "Não é uma armadilha".

Saiu do carro com movimentos lentos, sendo acompanhado pelos dois homens que haviam descido do carro de luxo. Havia visto os dois na TV, nos últimos dias. O grisalho era o governador. O outro era o comandante da PM.

— Boa noite, doutor... — disse o militar.

— Boa noite. O governador veio. Ótimo. Eu aceito o trabalho.

— Desculpe, mas não precisava ter me obrigado a vir aqui por...

**A MOÇA MORREU RÁPIDO. EM SEGUIDA, O DOUTOR ELIMINOU OS VESTÍGIOS DE SUA PRESENÇA E SUMIU ENTRE OS TORCEDORES DA COPA DO MUNDO. NÃO PODERIA HAVER MELHOR DISFARCE**

— Desculpe, governador, mas é seu pescoço que está na guilhotina. Não o meu. Como o senhor sabe, não faço isso por dinheiro. Nunca fiz. Os meus antigos chefes também me olharam nos olhos. Faço questão.

O comandante da PM tocou no braço do político. Não era hora de demagogia:

— Como o senhor sabe, o governador foi ameaçado diretamente pelo PCC. Precisamos acabar com isso o quanto antes. E não vai ser pelas vias legais que conseguiremos. Por isso precisamos do senhor.

— Vocês têm uns bons rapazes em seus quadros, comandante...

— Temos, mas não podemos correr o risco. Os filhos da mãe parecem ter gente infiltrada.

— Precisamos de alguém de fora que possa matar todos sem criar ligações com o governo.

O doutor baixou a cabeça. Há quanto tempo não recebia um convite como aquele? Pensara que haviam esquecido de seu currículo, mas aquela reunião escusa batia de frente com qualquer esperança de que pudesse continuar a ter uma aposentadoria tranqüila.

— De onde veio este trabalho? Só do senhor?

— O governador está aqui. Mas veio mais de cima. Bem de cima — adiantou-se o policial militar, servindo de pára-raio ao político. O doutor tentou disfarçar o desdém, mas passara da idade de tentar agradar.

— O senhor vai receber tudo que precisa através do senhor Alcides — continuou o comandante da PM — Tudo. Informações e recursos.

— Quem é Alcides?



Alcides não existia. Era um codinome, assim como o "doutor", que utilizava para se comunicar com seus superiores do governo desde o início dos anos 70. Coincidentemente, Alcides, ele percebeu, também parecia ser o governo. A roupagem era nova, as nomenclaturas, o elã, diferentes, mas podia perceber, por debaixo da superfície, o bom e velho governo.

— Aqui estão seus alvos.

No interior de um dos Mitsubishi, o velho abriu o envelope e conferiu que possuía, em suas mãos, fotos e informações detalhadas de sete homens. Achou curioso que...

— Estão todos fora do país... São estrangeiros. Pensei que seria um grupo de bandidos, de traficantes.



— Senhor, esse é o homem.

— Sim. Certo.

— Já esteve aqui antes em uma espécie de exílio nos anos 70. Era uma espécie de *hitman* do serviço secreto brasileiro. Na época tivemos o cuidado de manter um certo controle sobre ele. Poderia ser caçado por algum grupo radical de esquerda e não queríamos um espião estrangeiro morto aqui. Tínhamos nossos próprios problemas...

— Entendo.

— Não sabemos se está a serviço...

— Deixe-o em paz.

— Deixar em paz, senhor? Estamos com as vigilâncias e alerta máximo devido à Copa...

— Pois é isso mesmo. Um velho que veio ver os jogos de seu país.

— Pelo perfil dele...

— Niklas, é isso que estou dizendo. Vamos deixar o homem em paz.

Niklas Rahn já estava há muito tempo no serviço e trabalhando ao lado de Göring para perceber o desconforto em sua expressão. Por isso fitou seriamente, com seus duros olhos azuis, o colega, fechando a pasta de cartolina. Alguma coisa estava errada. Três meses antes de começarem os jogos da Copa do Mundo, a sua agência, um núcleo ultra-secreto do Bundeskriminalamt, dera início a um dos maiores esforços de vigilância e espionagem da história de seu país. O motivo era óbvio. Não queriam dar oportunidade para que terroristas fizessem uma nova Munique (ou algo pior).

Então o que estava havendo ali? Por que deixar à vontade um homem com aquele currículo? Rahn imaginou que algum outro departamento se envolvera na operação, ou até mesmo o Bundesnachrichtendienst, e Göring estivesse apenas querendo evitar um mal-estar entre colegas. Por isso sorriu e moveu os lábios com uma pergunta muda, como se achasse que a sala estava grampeada:

— Was soll das?

E o colega respondeu da mesma forma. Niklas deixou o sorriso es-

maecer, deu de ombros imitando o gesto que Göring acabara de fazer e deixou a sala com a impressão de que o colega apenas soletrara uma consoante e duas vogais.

Uma das siglas mais conhecidas do mundo da inteligência.



— Não acredito que fizeram isso...

O ex-sindicalista apoiou-se no tampo da mesa e ficou a fitar o nada, digerindo o que acabara de ouvir. Devagar, afrouxou a gravata. Já era tarde da noite, poderia dispensar certos protocolos.

— Também não acredito que esses homens estejam vivos, na ativa.

O diretor da Abin, a Agência Brasileira de Informação, estava sentado em uma poltrona de couro, a perna direita sobre o joelho esquerdo,

arrumando a gravata. Estava há pouco mais de um ano à frente da agência, mas assumira com referências consideráveis. Sabia o que estava fazendo e conhecia muito bem a história da inteligência do país. Sabia quem eram os doutores, o que haviam feito e — a parte mais sigilosa — onde encontrá-los. Fora ele quem planejava aquela operação.

— Não pode pensar nisso por um viés ideológico, presidente. Esses homens são ferramentas de Estado feitas para momentos como esse que estamos passando. Eles não são movidos por dinheiro ou por influência de governo algum. Eles pensam no Estado como algo acima de tudo, e vêem a agência como a personificação desse Estado.

— Isso não muda as coisas...

— Muda sim, presidente. Para eles



só importa a missão, porque ela salva o Estado. Eles nunca abrirão a boca.

— Mas e a Polícia Federal?

— Seus inimigos políticos já estão querendo se aproveitar desse momento. Eles querem unir os ataques do PCC à pressão da Bolívia para alegar que o governo é fraco, que estamos imobilizados diante de bandidos e aventureiros. Não podemos dar chance de as polícias cometerem excessos para sermos detonados pelo pessoal dos direitos humanos. E além do mais, presidente, os alvos são marginais do PCC. Os piores.



— O ataque do PCC é a ponta do iceberg. Se mergulharmos mais um pouco, encontraremos a invasão da Petrobras na Bolívia. O que estamos fazendo é descer direto, pulando as conseqüências para ir às causas — explicou Alcides, buscando a luz fraca do teto do SUV para destacar uma das fotos.

— Este é Juan Benitez Montagna. Na semana retrasada deixou o Brasil depois de fechar um acordo com um grupo de empresários muito discretos, que, juntos, detêm o poder sobre mais de 60% do território da Amazônia.

— Quem são?

— Empresários. O que precisa saber é que eles têm uma profunda mágoa dos dirigentes da política energética brasileira. Por motivos políticos que remontam o século passado, seus poços de petróleo serão ignorados até que abram mão de suas terras.

— Você quer dizer que os venezuelanos seriam mais justos com eles?

— Desde que a Venezuela se torne dona do Norte do Brasil.

— E eles estão cuidando para que isso aconteça...

— Exatamente. A invasão da Petrobras na Bolívia foi a primeira parte do plano. Os ataques do PCC, a segunda. Agora as provocações vão continuar com pressão por todos os

lados, tanto da Bolívia quanto da Venezuela. E também do PCC, até que o povo acabe exigindo uma postura mais enérgica do governo...

— Nós atacamos a Venezuela e a Bolívia e depois eles contra-atacam?

— Por isso Chávez vem se armando. Não é para enfrentar os EUA. É para entrar aqui e permitir a extração de petróleo no local, com os lucros para os proprietários das terras e gordas comissões para as contas que ele e dois de seus generais têm na Suíça.

— Você está dizendo que isso tudo que está acontecendo é um plano entre empresários brasileiros e ve-

**A INVASÃO  
DA PETROBRÁS NA  
BOLÍVIA FOI A PRIMEIRA  
PARTE DO PLANO.  
OS ATAQUES DO PCC,  
A SEGUNDA.  
AS PROVOCAÇÕES VÃO  
CONTINUAR ATÉ  
QUE O POVO EXIJA UMA  
POSTURA ENÉRGICA  
DO GOVERNO**

nezuelanos para tomar conta do petróleo na Amazônia?

— Sim. E para isso ocorrer será preciso lançar três países numa guerra.

— A não ser que eu elimine esses alvos...

— Você e seu antigo grupo.

— Você está brincando... ele...

— Vai encontrar com eles em Caracas amanhã.



As coisas não pareciam se encaixar muito bem. Por mais que tentasse rever todos os passos para chegar ali, tinha a impressão de que uma

peça estava faltando. Não fazia sentido. Doutor Salles, na Bolívia, já havia derrubado dois alvos. Mirto pegara um em Caracas e ele estava no terceiro na Europa. A cada missão cumprida, no entanto, as relações entre os três países se deterioravam. Acabara de ver isso na TV. Enquanto o Exército da Bolívia prendia colonos brasileiros em seu território, a Venezuela iniciava uma gigantesca manobra militar com esquadrilhas de F-16, bombardeiros e helicópteros. Em Brasília, diplomatas sob ordens de Caracas insistiam em tomar posição a favor da Bolívia, que apenas agia "em defesa de seu território". O mundo inteiro tinha acesso à situação que se delineava na América Latina, mas poucos davam atenção.

"O cara da Abin só pode estar brincando", cogitou o doutor diante do aparelho de TV. Fez contas mentalmente, somando quanto de dinheiro vivo restava em suas mãos e concluiu que tinha de sobra para voltar ao Brasil ou o suficiente para escapar para qualquer canto do mundo. Mas fugir? Por quê? Teria pensado em tal idéia apenas por reflexo? Não tinha motivo. A estratégia de "Alcides" parecia apresentar falhas, mas a atuação dos doutores estava sendo executada com perfeição. Nada poderia ser imputado a eles... a não ser que seus próprios contratantes decidissem fazer expurgos e se livrar das únicas testemunhas.

O doutor pesou todas as cartas que estavam na mesa e concluiu que não tinha mais idade para ficar com medo. Decidiu que seguiria adiante. Levantou, abriu a janela e inspirou a brisa quente do Planalto Central.



— Quem é o cara?

— Seja educado.

— Quem é o cara?

— Quanto você precisa para fazer uma limpa? — perguntou o estranho, como se o advogado não estivesse ali.

— Quem é o cara, porra? Do que você está falando? Você sabe por acaso quem eu sou?

— Rapaz, escute o que vou dizer - sussurrou o estranho debruçando-se sobre a mesa da sala de visitas do presídio de Presidente Bernardes. O advogado levantou-se deixando o estranho e o líder do PCC sozinhos.

— Eu sei quem você é. Sei que você pediu cuecas de algodão ontem, pelo celular, para uma de suas namoradas. Uma nissei. Bonita, com uma tatuagem de borboleta no quadril.

— Você se acha esperto, não é?

— Ela comprou hoje pela manhã as suas cuecas. Duas dúzias. Eu não tenho tantas cuecas.

— Eu vou te deixar falando sozinho. Quer me ameaçar com aquela vagabunda, cara? Ela não é nada!

— Mentira, ela tem suas cuecas.

O presidiário ficou quieto, olhando profundamente para o estranho, sem saber se encarava a situação com ironia ou escárnio.

— Certo. O que você quer dizer com "uma limpa"?

— Seu pessoal acabou de comprar um lote de 5,56 mm, 50 M16 e 5 LAAW. Vocês estão bem. O que mais vocês precisam para fazer uma ofensiva contra a polícia de São Paulo? Digo: uma ofensiva contra a polícia de todo o estado de São Paulo?

— Precisamos de informação. Onde estão os alvos. Horários, locais etc.

— Temos isso. E mais. Fotos de satélite para vocês planejarem o ataque.

O líder da facção criminosa apertou os olhos e não conseguiu disfarçar um leve sorriso.

— Quem é você, cara?

— Me chame de Alcides.



Novamente reunidos, os doutores tinham números para contabilizar. Todos pareciam orgulhosos. Menos ele. Não se sentia bem desde que voltara da Alemanha. Para falar a verdade, não estava nada bem desde que

se encontrara com o governador.

Havia algo estranho, e ele já era capaz de divisar a diferença. Não era mais como nos anos 70 e 80, quando tudo era mais claro. Não que tivesse sentido raiva ou algo parecido com relação àqueles estudantes e guerrilheiros. Era tudo muito pragmático. Precisava ser feito, ninguém tinha coragem de fazer e eles fizeram. Todos os homens que se encontravam ali mostraram a seus superiores que era possível, sim, mudar drasticamente a história a ferro e fogo. Fora uma aula prática.

Mas agora o doutor sentia-se desconfortável junto de seus colegas. Não era sentimento de culpa. Era ou-

**ALCIDES ENTROU  
NA SUÍTE E ENTREGOU  
MAIS TRÊS ENVELOPES:  
EVO MORALES, HUGO  
CHÁVEZ, LUIZ INÁCIO.  
"ESSES SÃO SEUS  
ALVOS. TERÃO TODOS OS  
RECURSOS NECESSÁRIOS,  
MAS NÃO TEMPO"**

tra coisa. Era algo que começou a se delinear melhor quando Alcides entrou na suíte e entregou mais três envelopes.

Evo Morales.

Hugo Chávez.

Luiz Inácio.

— Estes são seus alvos, senhores. Terão todos os recursos necessários, mas não tempo. Os Estados-Maiores dos três países estão provocando secretamente seus governos e...

— Certo. Então mataremos os Estados-Maiores - interrompeu o doutor. Todos olharam para ele.

— São os generais que querem a guerra? Não vejo problema em ma-

tar alguns deles. A maioria são uns cagalhões. Nunca mataram ninguém e agora querem uma guerra? Eu prefiro matar cada um deles. Mas não vejo por que eliminar esses políticos. Desculpe, Alcides. Você está enganado. Esses homens não querem guerra. Querem dinheiro.

Quando o doutor se deu conta, percebeu que todos olhavam para ele com um ar de condescendência. Devagar, voltaram-se, novamente, para Alcides e os alvos. O doutor sentiu algo dentro de si acelerando quando o homem que trouxera os envelopes sorriu brandamente.

— Doutor, já falamos sobre isso.

— Não falamos sobre nada disso. Você acabou de abrir esses envelopes com essas idéias malucas.

Alcides franziu levemente o cenho e trocou olhares com outros doutores. Pensou em falar uma coisa, desistiu e falou outra:

— Doutor, o senhor tem tomado seu remédio?

— Eu não tenho que tomar remédio nenhum...

Um dos doutores, ao seu lado, tocou em seu braço de forma afável.

— Nós já repassamos tudo isso em Langley, há anos. O que há contigo?

Tudo começou a dançar em sua cabeça. Por que estão me olhando com esse ar de pena? Do que estão falando? Estão concordando em matar presidentes? Não foi isso que combinamos! Vamos matar marginais e inimigos do Brasil. Milionários que querem entregar o petróleo do país para ficarem ainda mais ricos! Ninguém falou nada em matar presidentes. Isso não. Pode ser ruim para o país!

— Porra! Nunca estive em Langley!

O velho ao seu lado esticou o braço rapidamente. Velocidade demais para um homem de sua idade. A agulha penetrou levemente no pescoço do doutor, que mal acabara de ver o movimento pelo canto do olho. Apenas pelo canto do olho... E então aconteceu.